

Brasil tem cerca de 66 milhões de endividados com taxa de inadimplência que chega a 29%

<https://oportunidades.cett.org.br/observatorio/>

O Brasil tem cerca de 66 milhões de endividados. Segundo dados da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), a grande maioria deles (63,8%) deve ao banco e, segundo a Fecomércio SP, o percentual de famílias inadimplentes no Brasil chegou a 29%. Os motivos que causam essa questão do endividamento são diversos, como crises econômicas e, também, efeitos da pandemia que ainda perduram.

Segundo pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito com dados da Câmara de Dirigentes Lojistas de Goiânia, na capital o número de inadimplentes cresceu 6,07% em maio de 2023 em relação a maio de 2022. 30,38% dos inadimplentes da capital tinham dívidas no valor de até R\$ 500, e 44,03% têm dívidas de até R\$ 1 mil com tempo de atraso de até três anos. A maior parte das dívidas são com bancos: 64,9%.

"Quando temos um baixo crescimento econômico, crises econômicas que persistem por algum tempo, as pessoas vão consumindo todas as reservas delas, seja pra pagar dívidas, seja para a manutenção do dia-a-dia delas", explica o economista Luiz Carlos Ongaratto, salientando, por exemplo, os saques da poupança, que continuam batendo recorde: em 2023, saques superaram depósitos em R\$ 69,23 bilhões.

Ongaratto, porém, destaca que o endividamento crescente mostra sinais da retomada econômica: "as pessoas compram carros com dívida; compram casas com dívida. Por um lado você tem uma dívida com origem em crise e outra com origem em crescimento. Você consegue diferenciar isso pela inadimplência. Quando você tem um crescimento da dívida com inadimplência, tenho ali uma crise econômica persistindo, um problema de renda, porque a pessoa se endividou para adquirir alguma coisa e não conseguiu honrar o pagamento".

Outra grande dificuldade são os juros altos, principalmente para quem tem dívida no cartão de crédito. "Vemos algumas contas básicas ficando sem pagar, que implica em um problema grave na qualidade de vida da pessoa: não conseguir pagar o gás, a conta de luz, de água, coisas básicas", explica Ongaratto. Por questão de sobrevivência, a família precisa continuar consumindo, mas numa situação como essa, é um consumo muito básico. "O que é ruim para a economia como um todo, porque ela passa a não crescer, principalmente o setor industrial", diz o economista.